

# **Pedagogia da Dignidade**

---



---

**Caminhos para uma sociedade convivencial**

**Cristiana Pizarro Madureira**

**Mario Viché González**

**Nerea Hernaiz Agreda**

**Edita: [quadernsanimacio.net](http://quadernsanimacio.net)**

**Autores: Cristiana P. Madureira, Mario Viché, Nerea Hernaiz**

**copyleft: Cristiana P. Madureira, Mario Viché, Nerea Hernaiz**

**Tradução: José António Batista**

**Desenho da capa: Martim Pizarro Cavaleiro**

**Ilustração: Maria Luísa Magalhães Pizarro Madureira**

**ISBN 978-1-4457-5439-0**

**Chaves, 2024**

**1ª Edição portuguesa**

**Imprime: Lulu.com**



## **Prólogo**

A educação é a prática social através da qual as comunidades humanas procuram perpetuar-se através do acolhimento das pessoas mais vulneráveis, do conhecimento transformador do meio ambiente e da autogestão da convivência sustentável.

Isto é possível dentro das comunidades indígenas e nos ambientes de relacionamento local.

Embora tenham surgido historicamente posições dirigistas e elitistas, baseadas na desconfiança, no medo da diferença e da dissidência ou na supremacia das culturas dominantes, elas têm sido as dinâmicas sociais e económicas que se desenvolvem a partir da modernidade, da industrialização, da concentração da população nas grandes cidades e da globalização da economia. Estes fenómenos contribuíram para desenvolver e institucionalizar na prática educativa um posicionamento ético e atitudinal que Najmanovich (2019) define como ética do controlo. Por outra parte, os fenómenos migratórios desenvolvidos ao longo da história, a hibridação cultural, as diferenças religiosas, a multiplicidade linguística e a



diversidade humana, inviabilizam todo o tipo de propostas dogmáticas, uniformizadoras, interculturais e integradoras que a ética do controlo procura impor, dando origem a uma educação e a uma gestão do coletivo que, em vez de responder à autonomia e à dignidade das pessoas e das comunidades, se baseia no autoritarismo, no dirigismo, no elitismo, no controlo e na violência institucional, defendendo práticas relacionais e atitudes metodológicas que conduzem à indignidade e à violação dos direitos humanos mais básicos.

É evidente que nos encontramos em sociedades multiculturais nas quais todos temos o nosso lugar e nas quais não há espaço para a exclusão, enquanto a dignidade humana exige uma mudança radical nas nossas formas de relacionamento e convivência, uma mudança que implica diretamente na educação como prática social baseada na relação com o Outro e empatia com o meio ambiente, na procura pelo bem-estar coletivo e na convivência como fórmula de sustentabilidade e dignidade das pessoas e das comunidades em que vivem e se desenvolvem.



É assim que se tornam visíveis as propostas de Najmanovich (2019) quando nos fala de uma ética da convivência.

Uma educação de convivência, já apontada por Ivan Illich (1973), que se manifesta numa mudança nas relações de poder e dominação entre os seres humanos e, especificamente, entre educadores e aqueles que estão em processo educativo. Uma relação respeitosa, dialógica e digna que valoriza, acima de tudo, as pessoas, as suas iniciativas, as suas preocupações, as suas emoções e sentimentos, os seus sonhos e esperanças e, através do diálogo constante consigo mesmo, com o Outro e com o meio ambiente, promovendo situações de aprendizagem vivencial significativas. Deste modo, desenvolvem-se situações capazes de analisar criticamente o mundo, posicionar-se a partir da autonomia e da liberdade e cooperar ativamente em ações transformadoras para melhorar as condições de vida, o bem-estar, a sustentabilidade e a convivência comunitária.

Uma educação digna em que o multiculturalismo seja a base das relações de convivência, em que a inclusão se construa, dia a dia, valorizando tudo o que nos une, respeitando



profundamente as diferenças pessoais e da comunidade e centrando a ação numa pedagogia de proximidade humana.

Uma educação digna em que o ambiente físico - a Natureza - seja motivo de fruição, de profundo respeito por fazermos parte dele e o partilharmos com os Outros e em que a tecnologia seja, acima de tudo, uma ferramenta de humanização que permita o bem-estar humano em ambientes de hospitalidade e em harmonia com o meio ambiente.

Uma educação digna em que o ambiente e a comunidade apoiem uma aprendizagem experiencial e significativa que possibilite a gestão cooperativa e criativa do conhecimento, onde o saber se construa como meio para compreender o mundo, objetivá-lo (Freire, 1973) e transformar as dinâmicas de convivência.

Uma educação digna em que o diálogo não seja uma metodologia para gerir dinâmicas relacionais e de convivência, mas seja a única forma de interação digna entre as pessoas, pois supõe uma relação igualitária,



horizontal, bidirecional, de proximidade humana, respeitosa com a pessoa e a diferença.

É nestas premissas, recolhendo a tradição pedagógica humanista, atualizada a partir dos mais recentes contributos da sociologia, da neurociência e da tecnologia, mas sobretudo com um olhar crítico sobre as práticas pedagógicas presentes em contextos formais e não formais, com uma visão multicultural e através de uma abordagem reflexiva crítica sobre o ser humano, a sustentabilidade e o significado da educação numa sociedade sustentável, que propomos os caminhos para uma sociedade de convivência, no quadro do que definimos como uma pedagogia da dignidade.

